

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

SILVANA MARISA MICHELS DE NEGRI

**Como o uso de Novas Tecnologias pode mudar o posicionamento num
aluno de 5º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos**

Porto Alegre

2012

SILVANA MARISA MICHELS DE NEGRI

**COMO O USO DE TECNOLOGIAS PODE MUDAR O POSICIONAMENTO
NUM ALUNO DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NOVE ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador (a):

Liliana Maria Passerino

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na
Educação:** Profa:Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:
Prof^a:Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, neste momento de conclusão de curso, algumas pessoas que foram essenciais durante esta trajetória...

... À Levino e Mariza, meus pais, ao Flávio, meu marido e companheiro de jornada evolutiva, a Natália, minha amada filha, que sempre estiveram ao meu lado, me dando suporte e carinho, mesmo quando eu preferia estar sozinha, na frente do computador fazendo os trabalhos que o Mídias na Educação me exigiu...

... A professora e orientadora Liliana Maria Passerino e a Maria Rosangela Bez, minha tutora nesta reta final, que me auxiliaram através do fórum e de e-mails me levando a ver as situações por outros ângulos e me mostrando outros caminhos durante a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso...

... Enfim, a todas as colegas com as quais tive alguns momentos, nos intervalos dos encontros presenciais, nas conversas e nos diversos suportes tecnológicos, e que à sua maneira, levaram um pouco de mim e deixaram um pouco de si, fazendo com que cada uma pudesse crescer ao longo desta caminhada.

RESUMO

Esta monografia reporta a alguns aspectos importantes observados na utilização de novas tecnologias por um aluno de 5º ano, do Ensino Fundamental 9 anos, na sua vida cotidiana. As tecnologias exercem uma função social que ultrapassa as questões meramente cognitivas e podem contribuir para a mudança de posicionamento de uma pessoa estigmatizada. O estudo sobre o posicionamento social desse sujeito a partir do uso das novas tecnologias permitiu um entendimento parcial do comportamento humano, fornecendo explicações sociológicas. Para elucidar essas mudanças de posicionamento buscou-se o referencial teórico de Rossetti e Goffman. A pesquisa apoiou-se no relatório da história de vida, valorizando o processo e não os resultados, abrindo espaço para interpretação sem generalizar as informações obtidas.

Palavras-chave: novas tecnologias, teoria do posicionamento, identidade deteriorada

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RedSig

Rede de Significações

TIC

Tecnologia de Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa.....	10
1.2 Indagação da Pesquisa.....	11
1.3 Objetivo da Pesquisa	11
1.4 Objetivos Específicos.....	11
2 O PAPEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE	12
2.1 Novas Tecnologias X Posicionamento Pessoal e Social	13
2.2 Estigma Social e Identidade Estigmatizada.....	16
2.2.1 Indivíduo Estigmatizado na Sociedade.....	17
2.2.2 Comportamento Desviante.....	19
3 REDES DE SIGNIFICAÇÕES	21
4 METODOLOGIA	24
4.1 Tipo de Pesquisa.....	24
5 TRAJETÓRIA DE PESQUISA: HISTORIA DE VIDA NA BUSCA POR COMPREENDER AS NUANCES DO POSICIONAMENTO	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIA	40
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	42
APÊNDICE B – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS	44

1 INTRODUÇÃO

Vivemos numa nova era tecnológica, onde as novas tecnologias transformaram a natureza da existência humana, o modo de trabalhar, comprar, estudar e de relacionar-se com as pessoas. Essas inovações trazem consigo vantagens surpreendentes, dificuldades e problemas ao serem utilizadas como ferramentas pedagógicas no processo de aprendizagem.

O tema deste trabalho é o posicionamento de um aluno de 5º ano do Ensino Fundamental 9 anos a partir do seu interesse pelas novas tecnologias, no seu cotidiano.

Esta pesquisa tem cunho qualitativo e esta embasada no método história de vida de um sujeito (aluno do 5º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos) por acredita-se que o comportamento humano possa ser entendido a partir das perspectivas dos agentes envolvidos.

Tem por objetivo investigar a partir de história de vida de um indivíduo com dificuldades de aprendizagem e de disciplina o papel das tecnologias na construção de sua posição social tendo por base as abordagens reexaminadas por Goffman sobre a “comunidade dos estigmatizados” e alguns dos pressupostos da perspectiva teórico-metodológica denominada “Rede de Significações”.

A escolha do tema decorre da constatação de que foram observados alguns aspectos importantes no posicionamento do aluno em questão ao utilizar tecnologias na sua vida cotidiana e o quanto esse aspecto o aproximou dos demais. Direta ou indiretamente as novas tecnologias estão adentrando nos espaços educativos, fomentando as pesquisas no âmbito do uso das TIC

na educação, no sentido de evidenciar os seus benefícios ao serem utilizadas nas escolas. Na pesquisa realizada foram identificadas várias características que se assemelham aos indivíduos estigmatizados e seu posicionamento social, que serão analisados no decorrer desse trabalho.

Esta monografia com o intuito de responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos foi dividida em capítulos, sendo que no segundo capítulo: O papel das novas tecnologias na sociedade, enfatizando as mudanças ocorridas na sociedade com os avanços tecnológicos e acesso rápido à informação, principalmente através da internet. Essas inovações criam situações e provocam transformações de acordo com o contexto, gerando desigualdades em todas as áreas da sociedade, exercendo influência direta e indireta na sua cultura.

De acordo com Passerino (2010), na medida em que vamos criando novas tecnologias a partir da linguagem podemos estabelecer novas formas de relacionamento, refletir e planejar novas ações. Todos os indivíduos que não conseguem acompanhar essas inovações acabam sendo excluídos da sociedade por não se enquadrarem nesse novo perfil. São considerados incapazes de exercer determinadas funções nos diversos segmentos sociais, são estigmatizados, marginalizados.

No capítulo 3 é apresentado um referencial teórico em torno da rede de significações construída pelo sujeito da pesquisa a qual disponibiliza um universo de possibilidades de interações no meio social no qual está inserido. A Teoria do Posicionamento pode ser vista como uma estrutura metodológica onde os indivíduos estão sempre envolvidos em atividades discursivas onde assumem posições posiciona os outros e por estes são posicionados.

No capítulo 4 é descrito a metodologia e o capítulo 5 foca na trajetória de Pesquisa: historia de vida na busca por compreender as nuances do posicionamento. Finalizando com as considerações finais no capítulo 6.

1.1 Justificativa

Atualmente trabalho numa escola de periferia de Ensino Fundamental completo da rede municipal de Sapiranga como professora de currículo. Atendo 12 turmas de 1º ao 5º Ano no turno da manhã e à tarde leciono nas disciplinas de Educação Artística, História e Geografia, em três turmas de 5ºs Anos, totalizando oitenta alunos.

Enquanto professora do laboratório de informática pude perceber o quanto as tecnologias podem ter uma função social que ultrapassa as questões meramente cognitivas.

Este estudo surge, portanto a partir de um conjunto de reflexões que emergem de uma experiência vivenciada no comportamento social de um aluno, repetente e defasado, apresentando dificuldades de aprendizagem e de comportamento, rotulado como “indisciplinado”, através do seu interesse pelas novas tecnologias. Sentiu-se motivado a vir no contra turno escolar para aprender a utilizar os recursos tecnológicos e softwares do laboratório de informática da escola, para poder auxiliar e ensinar os alunos.

Com a ajuda dos computadores e da nova leva de artefatos que surgem com rapidez, é mais fácil criarmos atividades mais interativas, abertas a busca e a construção da aprendizagem através de atividades de pesquisa e de autoria. Sempre procurei trazer atividades onde os alunos possam utilizar diferentes recursos visando não só a aprendizagem, mas a transformação social do meio em que vivem.

Procurei não levar em consideração essa visão deteriorada construída anteriormente sobre o perfil deste sujeito dentro da escola. Ainda assim, são frequentes as advertências e suspensões do mesmo no decorrer do ano letivo. Porém, houve um crescente interesse deste sujeito pelo uso das novas tecnologias, contrastando pela sua facilidade em aprender a utilizá-las. O fato de eu exercer a função de laboratorista no contra turno, fez com que ele se

aproximasse, demonstrando-se motivado a conhecer e aprender a utilizar os softwares existentes.

Dessa forma, acredito que esse estudo sobre o posicionamento social desse sujeito a partir do uso das novas tecnologias permita um entendimento parcial do comportamento humano e forneça explicações sociológicas, de acordo com os teóricos, comentários e questões sobre o material colhido.

1.2 Indagação da Pesquisa

Este trabalho tem como indagação de pesquisa investigar como o uso de Novas Tecnologias pode mudar o posicionamento de um aluno com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento, frente ao processo de aprendizagem.

1.3 Objetivo da Pesquisa

Investigar a partir de história de vida de um indivíduo com dificuldades de aprendizagem e de disciplina o papel das TIC na reconstrução de um posicionamento, frente ao seu processo de aprendizagem.

1.4 Objetivos Específicos

- Investigar certos momentos da sua história de vida pessoal e escolar, que possam ter contribuído para que fosse rotulado de “indisciplinado”.
- Identificar o papel social das TIC no posicionamento de um aluno antes indisciplinado e com dificuldades de aprendizagem.

2 O PAPEL DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA SOCIEDADE

Nas últimas décadas ocorreram mudanças cruciais na sociedade com os avanços tecnológicos e o acesso rápido à informação, permitindo ao homem modificar de forma rápida o meio em que vive. Vivemos numa nova era tecnológica, na qual esses novos artefatos tecnológicos transformaram todos os processos produtivos humanos e com isso impactaram de formas diferentes nas práticas culturais. Essas inovações criam situações e configuram práticas que sofrem modificações, podendo ser percebidas como positivas ou negativas de acordo com o contexto.

Prova disso são as desigualdades abrangendo todas as áreas da sociedade e seus membros. Waiselfisz (2007) traz o conceito de brecha digital para indicar a divisão entre os que acessam e os que não acessam o mundo digital (internet e computador): A brecha digital nada mais é do que uma forma de manifestar diferenças e divisões existentes em nossas sociedades e no mundo.

No campo digital e em outras áreas trabalhamos para enfrentar as desigualdades no mundo com a finalidade de criarmos uma sociedade mais justa. Para encurtar as brechas existentes há pelo menos três processos paralelos e articulados: o desenvolvimento e a consolidação de uma infraestrutura de acesso, o desenvolvimento de competências básicas que possibilitem a apropriação real da tecnologia e o desenvolvimento de

conteúdos úteis de interesse para a população e apropriados às novas tecnologias.

“[...] As novas TIC, via de regra, são vistas em nosso meio como um complemento conveniente, útil, para atingir outras finalidades, mas não como uma necessidade per se no mundo moderno.” (WAISELFISZ, 2007, p.105).

Consequentemente no Brasil houve alguns avanços significativos, mas ainda há sérios problemas a serem enfrentados. Um fato preocupante é que os espaços que deveriam promover a democratização do acesso as TIC ou incluir pessoas desfavorecidas, como escolas e centros gratuitos, acabam beneficiando grupos privilegiados. Essa abordagem fragmentada das políticas públicas tem contribuído para aumentar a brecha social existente.

Segundo Warschauer (2006) o problema é que se imagina que os contextos tecnológicos e sociais podem estar separados. Acredita-se que os programas criados pelas políticas públicas possam solucionar o problema tecnológico melhorando os problemas sociais. Faz-se necessário olhar para o que as pessoas fazem ao invés de focar-se na inovação tecnológica como fator de mudança e melhoria na qualidade de vida das pessoas.

2.1 Novas Tecnologias X Posicionamento Pessoal e Social

Alguns estudos mostram que o uso das tecnologias além de melhorar o rendimento educacional, seu uso e domínio são considerados indispensáveis para a inserção no mercado de trabalho (CGI, 2009; GALPERIN, MARISCAL, 2004, GALPERIN, 2009, WAISELFISZ, 2007). Vivemos num mundo globalizado onde a Internet e a Informática se tornaram áreas de conhecimento necessárias para o desenvolvimento sócio-cognitivo de nossos alunos.

O uso de tecnologias na prática pedagógica analisado por Masseto (2001) considera alguns fatos e pressupostos fundamentais que envolvem a questão do uso de tecnologias no processo de aprendizagem. Destaca o papel

da escola como sendo o de educar seus alunos, entendendo que a educação é a transmissão sistematizada de conhecimentos, valores e padrões comportamentais sociais próprios do meio em que vivem. O professor é formado para valorizar ensinamentos e conteúdos, priorizando aulas expositivas e a avaliação é feita em forma de provas para verificar a assimilação dos conteúdos desenvolvidos. Inclusive na formação superior essa concepção se mantém, onde são valorizadas a transmissão de informações, experiências, técnicas e pesquisas de um determinado profissional para a formação de outros. O que encontramos são professores que já passaram pelos três níveis de ensino transmitindo informações e conhecimentos da forma que lhes convém, mas em geral como amadores quanto ao uso de tecnologias para se construir aprendizagens.

A desvalorização dessas tecnologias na educação tem a ver com o tecnicismo e as experiências vividas na década de 1950 e 1960, quando foi imposto o uso de tecnologias na escola. Essa imposição acabou gerando um descompromisso com o processo de ensino e aprendizagem, resultados e consequências na formação todos os cidadãos.

Nesse sentido, a Tecnologia Apropriada propõe produção de artefatos tecnológicos incorporando aspectos culturais, sociais e políticos da comunidade e propondo uma mudança no estilo de desenvolvimento com preocupação com as questões ambientais e com as fontes alternativas de energia (DAGNINO, BRANDÃO e NOVAES, 2004).

Outro fator preponderante é o surgimento da informática que proporciona aos seus usuários o contato com informações, pesquisas e estudos em todas as áreas no mundo todo. A oportunidade de autoaprendizagem faz com que se reflita sobre o conceito de aprender, o papel do professor, do aluno e o uso das tecnologias.

É importante que não nos esqueçamos de que a tecnologia possui um valor relativo: ela somente terá importância se for adequada para facilitar o alcance dos objetivos e se for eficiente para tanto. As

técnicas não se justificarão por si mesmas, mas pelos objetivos que se pretenda que elas alcancem que no caso será a aprendizagem. (MASETTO, 2001, p. 144)

As novas tecnologias e mídias estão presentes na educação escolar e informal, trazendo novos desafios ao avanço educacional no mundo todo, dependendo da forma como as usem. As técnicas empregadas no processo de ensino e aprendizagem podem colaborar para o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos. São aprendizes no centro desse processo, onde se realiza uma parceria entre alunos e professores, num clima de confiança, numa aprendizagem colaborativa.

Passerino (2005) em seu artigo intitulado “*Apontamentos para uma reflexão sobre a função social das tecnologias no processo educativo*” descreve que o estudo da tecnologia não pode ser realizado de forma isolada da cultura e da sociedade, pois somos “seres tecnológicos” e utilizamos nossas habilidades e conhecimentos com a finalidade de encontrar novas formas, que podem levar a produção de novas tecnologias.

Sabemos que as inovações tecnológicas podem modificar não só o modo de vida de um indivíduo ou de um grupo social, exercendo influência direta e indireta na sua cultura. Podemos dizer que um grupo social com interesses comuns constitui uma comunidade, e esta por sua vez, utiliza algum mecanismo para construir e/ou transmitir conhecimentos.

Existem muitos debates filosóficos sobre a relação “homem & tecnologia” levantando pontos positivos e negativos dos artefatos tecnológicos, causando mudanças culturais, sociais e políticas. Para alguns críticos Karl Marx é o melhor exemplo de *technooptimista*, que acredita no desenvolvimento tecnológico como moralmente bom. De outro lado os pessimistas, os quais acreditam que as sociedades tecnológicas são sociedades problemáticas e limitadas que afetam negativamente nossa saúde mental e tiram nossa liberdade. E ainda, o movimento denominado de Tecnologia Apropriada ou tecno-criticismo ou tecno-realismo, o qual propõe a produção de artefatos tecnológicos de acordo com aspectos culturais, sociais e políticos da

comunidade, bem como uma mudança no estilo de desenvolvimento com preocupação com as questões ambientais e com as fontes alternativas de energia (DAGNINO, BRANDÃO E NOVAES, 2004). Na educação a tecnologia é vista como um recurso a mais no processo de ensino e de aprendizagem, não podendo ser utilizada de forma isolada da cultura e da sociedade.

A nossa linguagem, é o maior exemplo de tecnologia, pois ela permeia nosso pensamento e nossas ações. As TIC estão vinculadas à linguagem humana, sendo necessárias adaptações de acordo com as características presentes entre tecnologia-homem-objetivos. De acordo com Passerino (2010), na medida em que vamos criando novas tecnologias a partir da linguagem nos tornamos indivíduos culturalmente mais complexos. Permitem nossa comunicação, nossa ação e nossa representação de intenções, ou seja, podemos estabelecer novas formas de relacionamento, refletir e planejar novas ações. Os que não conseguem acompanhar essas inovações acabam não se enquadrando no novo perfil estabelecido pela sociedade, e conseqüentemente marginalizados e excluídos. Como membros de um grupo social, em qualquer área, passam a ser considerados como “incapazes” de exercer funções nas diversas áreas, onde tais habilidades sejam exigidas. Essa incapacidade passa a ser o seu “estigma”, tornando-o “diferente” dos outros,

Goffman (1988) reexamina em seu livro intitulado Estigma – Notas sobre Manipulação da Identidade Deteriorada, os conceitos de estigma e identidade social, o eu e o outro, o controle da informação, os desvios e os comportamentos desviantes. Mas afinal quem é o marginal: o estigmatizado marginalizado pela sociedade ou a própria sociedade?

2.2 Estigma Social e Identidade Estigmatizada

Os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os representava. Esses sinais eram feitos em

escravos, criminosos ou traidores, com cortes ou fogo no corpo do indivíduo, devendo ser evitado em lugares públicos.

Para Goffman (1988), estigma pode ser definido como um tipo especial de relação entre atributos e estereótipo. Também adverte que há importantes atributos que em toda a nossa sociedade levam descrédito o indivíduo estigmatizado. O autor menciona três tipos de estigma, conforme a citação abaixo:

[...] Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, suicídio, e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação ou religião, que podem ser transmitidos através da linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.³ (GOFFMAN, 1988, p. 14)

Atualmente o termo é utilizado de forma ampla, mas ainda bem semelhante ao sentido original do termo. A sociedade em que vivemos estabelece o padrão normal de ser humano, definido os seus atributos considerados como comuns e naturais. Ou seja, de acordo com o grupo social em que estivermos inseridos desenvolveremos relações com outras pessoas. Podemos afirmar que nessa relação social manteremos nossa identidade social real (nossos atributos/qualidades e habilidades – quem somos na realidade) e nossa identidade social virtual (atributos/qualidades e habilidades que nos exigem - o caráter que nos imputam).

2.2.1 Indivíduo Estigmatizado na Sociedade

O indivíduo que possui um estigma, uma característica diferente do padrão normal estabelecido pela sociedade, sofre discriminações através das quais suas chances de vida são reduzidas. Sua característica central de situação de vida, vista como um defeito faz com as pessoas que convivem com ele não consigam respeitar e considerar seus atributos. Por sua vez ele pode

aceitar ou tentar corrigir a sua condição de maneira indireta, dedicando um grande esforço em dominar tarefas que sempre teve um mau desempenho.

O estigmatizado pode utilizar sua condição como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões, ou ainda, encarar suas privações como uma benção, um aprendizado. Goffman (1988) preocupa-se com os contatos mistos, onde estigmatizados e normais estão na mesma situação social, em conversas ou reuniões informais.

Quando tentam manter uma conversação, esses momentos serão aqueles em que ambos enfrentarão as causas e consequências do estigma. O indivíduo estigmatizado pode sentir insegurança pela maneira como os normais o identificam e o recebem, pois não sabe o que os outros pensam dele. Pode ocorrer que ele sinta que está em destaque, sente que seus menores atos podem ser vistos como atributos notáveis e extraordinários.

Considerando que possa entrar numa situação social mista, o estigmatizado pode responder através de uma capa defensiva, com agressividade ou retraimento. Percebe a sensação de mal-estar na interação de ambas as partes, e a tentativa de alguns normais em vê-lo como um indivíduo melhor do que realmente seja. Inclusive ele pode achar pelo resto da vida que o mundo inteiro está contra ele.

O fato é que na maioria dos casos pode descobrir que há dois grupos de pessoas benévolas e algumas que compartilham o seu estigma. Esses grupos podem orientá-lo quanto às manhas da relação e servir de espaço para as lamentações no qual ele possa buscar apoio moral e conforto sentindo-se aceito como igual a qualquer outro indivíduo normal.

As pessoas que têm um estigma aceito fornecem um modelo de "normalização" que mostra até que ponto podem chegar os normais quando tratam uma pessoa estigmatizada como se ela fosse um igual. (GOFFMAN, 1988, p. 40).

Essa relação pode ser difícil, sendo que o estigmatizado pode sentir que pode voltar ao estado anterior deixando de ser normal, podendo duvidar de sua aceitação pelo grupo. Ele aprende e incorpora o ponto de vista dos normais e adquire as crenças da sociedade em relação a sua identidade social, passando a ter uma ideia geral do que significa ter um estigma em particular. Aprendem muito tarde que sempre foram desacreditáveis.

2.2.2 Comportamento Desviante

Em todos os grupos sociais há membros que se desviam passando a desempenhar um papel especial, tornando-se um símbolo para o grupo e alguém que desempenha funções cômicas (Dentler e Erickson, 1959). Passam a ser o centro das atenções, deixando de praticar o jogo da distância social e permitindo a aproximação com os outros.

Servem de mascotes para o grupo, sendo qualificados em alguns aspectos como um membro normal. Poderiam ser chamados de desviantes intragrupais, pois não se desviam somente de normas, mas de um grupo concreto. Quando atacados por estranhos, o grupo pode correr em sua ajuda, mas se o isolado do grupo é atacado, vai ter de lutar sozinho. Quando se recusam a aceitar o lugar social que lhes é destinado, agem de maneira irregular e rebelde. Os que se agrupam numa comunidade podem ser denominados de desviantes sociais, engajadas numa negação coletiva da ordem social.

Elas são percebidas como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos vários caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade. (GOFFMAN, 1988, p. 155)

Os desviantes sociais demonstram orgulho de serem recusados na sua comunidade e são temporariamente tolerados nessa rebeldia. Essas comunidades passam a ser um lugar onde o indivíduo deslocado passa a se

sentir melhor do que os normais. Fornecem modelos de vida para os normais inquietos, os quais se tornam adeptos constituindo uma comunidade desviante.

O problema é os desviantes têm uma história e uma cultura comuns, numa posição desvantajosa na sociedade. Há membros que nas instituições públicas de nossa sociedade trazem a marca de seu status na linguagem, aparência e gestos.

Passerino e Montardo (2007) consideram inclusão como o processo estabelecido dentro de um processo mais amplo, que busca satisfazer necessidades relacionadas com qualidade de vida, desenvolvimento humano, autonomia de renda e equidade de oportunidade e direitos para os indivíduos e grupos sociais que, em alguma etapa da sua vida encontra-se em situação de desvantagem com relação a outros membros da sociedade.

No que se refere ao processo de desenvolvimento humano a perspectiva das Redes de Significações (RedSig) apresentada por Rossetti (2004) são compostas por elementos de ordem pessoal, relacional e contextual atravessados pela cultura, ideologia e relações de poder. Esses elementos constituem a matriz sócio-histórica, mas se atualizam continuamente no nível dialógico das relações. Sendo que em qualquer grupo social há exigências em relação aos membros conforme as posições que eles ocupam em tal grupo.

De acordo com Waiselfisz (2007) o caminho para garantir que as novas tecnologias de informação e comunicação cumpram seu papel social e pela via de uma educação inclusiva e democrática. Mas, precisamos ter condições de estimular e acelerar a expansão das TIC no sistema educacional e na sociedade em geral, elaborando estratégias que possibilitem o acesso dos excluídos ao mundo das tecnologias.

3 REDES DE SIGNIFICAÇÕES

A perspectiva teórico-metodológica da rede de significações (RedSig) foi tecida pelos componentes do CINDEDI (Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil) da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. É um trabalho conjunto de vários anos realizado por pesquisadores, embasados principalmente nos estudos de autores como Vygotsky (1991; 1993), Wallon (in Werebe e Nadel-Brulfert, 1986), Valsiner (1987, 1997) e Bakhtin (1981, 1997, 1999).

A RedSig propõe que o desenvolvimento humano se dá dentro de processos complexos, onde os aspectos das pessoas em interação e dos contextos específicos constituem-se como partes inseparáveis de um processo em mútua constituição. Permite o desenvolvimento de todos que participam desse processo, envolvendo as outras pessoas ao redor. De acordo com Rossetti, Amorin e Silva (2004) a complexidade, flexibilidade e dinâmica, dos processos de desenvolvimento permitiram à metáfora rede.

[...] a rede de significados e sentidos presentes na ação de significar o mundo, o outro e a si mesmos, efetivada no momento interativo, estrutura um universo semiótico, acabamos por denominá-las de perspectiva da rede de Significações. (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIN, SILVA & CARVALHO. Orgs, 2004, p. 15)

Desde o início da vida, as relações são construídas a partir de ações partilhadas e independentes. Cada pessoa tem o seu comportamento delimitado, interpretado pelos outros e por si próprio. Ao agirem, as pessoas dialogicamente transformam seus parceiros de interação e por eles são transformadas, abrindo-lhes novas possibilidades de ação, interação e desenvolvimento. (OLIVEIRA, 1988, 1995; OLIVEIRA E ROSSETTI-FERREIRA, 1983).

O ser humano é relação, constrói-se na relação com o outro e com o mundo e só se diferencia e se assemelha no espaço relacional (SAMPSON, 1993). As características e os atributos de uma pessoa são resultado de um processo de construção cultural que exige permanência e individualização. A existência de um corpo, os relacionamentos cotidianos com as mesmas pessoas, em contextos concretos semelhantes através de padrões relacionais relativamente estáveis, também sustenta esse sentimento. (HARRÉ, 1998).

Os processos de desenvolvimento situam-se em contextos culturais e socialmente regulados. Esses contextos (cenários) são constituídos pelo ambiente físico e social, pela sua estrutura organizacional e econômica sendo guiados por funções, regras e horários específicos. De acordo com Wallon (1986), os contextos são compreendidos a partir do meio e tem duas funções: a de ambiente (campo de condutas) e a de condição (instrumento de desenvolvimento). O meio social é o espaço de experiência do indivíduo e representa um instrumento para o seu desenvolvimento, onde ele e seus parceiros são levados a se modificar com formas determinadas de agir, sentir, falar e pensar.

Harré e van Langenhove (1999), autores da teoria do Posicionamento criticam o conceito de papel e propõe que o exame das interações sociais de um indivíduo se faça a partir do conceito de posição, ou seja, conforme a posição que ele ocupa no grupo. Constitui-se num importante recurso metodológico para a análise do discurso social, pois ao falar ou agir a partir de uma determinada posição, o indivíduo traz para o presente sua história particular.

Portanto, o posicionamento envolve duas dimensões: relacional (porque é um momento de interação) e reflexiva (porque ao agir ou falar o indivíduo está se posicionando ou sendo posicionado). Visa à compreensão dos episódios sociais analisando características básicas da interação: posições morais dos participantes (direitos e deveres de falar certas coisas), força social do que dizem e/ou fazem e as linhas de história que estão nas falas e ações de cada episódio, na sua história convencional (HARRÉ e VAN LANGENHOVE, 1999). Assim, a Teoria do Posicionamento pode ser vista como uma estrutura metodológica baseada na tríade: posição/força social da ação/linha de história.

O fato é que os indivíduos estão sempre envolvidos em atividades discursivas onde assumem posições, posicionam os outros por estes são posicionadas. A realidade psicológica de cada um é narrativa e dinâmica, encaixada no contexto histórico, político, cultural, social e interpessoal.

4 METODOLOGIA

Este trabalho tem como indagação de pesquisa investigar como o uso de Novas Tecnologias pode mudar o posicionamento de um aluno com dificuldades de aprendizagem, do 5º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos.

Tem como objetivo investigar a partir de história de vida de um indivíduo com dificuldades de aprendizagem e de disciplina o papel das TIC na construção de um posicionamento. E seus objetivos específicos conforme descrito a seguir:

- Investigar certos momentos da sua história de vida pessoal e escolar, que possam ter contribuído para que fosse rotulado de “indisciplinado”.
- Identificar o papel social das TIC no posicionamento de um aluno indisciplinado e com dificuldades de aprendizagem.

4.1 Tipo de Pesquisa

Para tal, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, descrevendo-se diretamente a experiência de vida de um sujeito (aluno do 5º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos), tal como ela é. De acordo com Minayo (1999), na abordagem qualitativa não devemos ter intenção de encontrar a realidade, mas compreender o que acontece na prática dentro do contexto em que o sujeito está inserido. Nesta modalidade o pesquisador pode trabalhar com um grupo menor de sujeitos, valorizando o processo e não resultados, abrindo espaço para interpretação sem generalizar as informações obtidas.

Para coletar dados sobre aspectos do comportamento humano adota-se uma variedade de técnicas, destacando-se entre elas o método história de vida. Moreira (2002), afirma que esse método busca a visão do indivíduo onde ele faz uma descrição de sua vida ou de uma parte dela. Acredita-se que o comportamento humano possa ser entendido a partir das perspectivas dos agentes envolvidos.

Assim sendo, foi averiguada a história de vida de um aluno sobre determinadas situações. Este foi escolhido de forma intencional, por possuir problemas de aprendizagem, tem 13 anos, está matriculado numa escola da rede municipal de Sapiranga, no 5º ano do ensino fundamental de 9 anos.

Como técnicas de coleta de dados foram utilizadas, o relato/descrição de uma parte de sua vida pessoal e escolar, entrevista com familiares e profissionais da escola, registros privados (atas da escola) onde foram registrados problemas de indisciplina.

5. TRAJETÓRIA DE PESQUISA: HISTORIA DE VIDA NA BUSCA POR COMPREENDER AS NUANCES DO POSICIONAMENTO

Tendo presente que o uso de tecnologias pode exercer uma função social ultrapassando as questões cognitivas, buscou-se resgatar uma experiência vivenciada por um aluno com uma imagem deteriorada em virtude de suas dificuldades de aprendizagem e de comportamento e seu posicionamento frente à utilização desses artefatos e recursos tecnológicos. O sujeito desta pesquisa foi escolhido de forma intencional, por possuir problemas de aprendizagem, tem 13 anos, está matriculado numa escola da rede municipal de Saporanga, no 5º ano do ensino fundamental de 9 anos. Trabalho numa escola de periferia da rede municipal de Saporanga há aproximadamente dez anos, com turmas de currículo. No último ano, atendia todas as turmas no laboratório de informática, e, esse aluno se destacava pela intolerância por parte dos professores a seu respeito. Sempre fora tratado como “indisciplinado, arrogante e prepotente”, um líder negativo, eu nunca ouvi falar sobre suas dificuldades de aprendizagem. Os professores comentavam da sua falta de respeito, atenção e de vontade em realizar as atividades propostas, e, em consequência disso ele foi reprovado.

Segundo Goffman (1988) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos comuns e naturais para os membros de cada categoria. Nem todos os atributos indesejáveis estão em

questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo.

No início do presente ano, ao assumir a regência de três turmas de 5ºs anos me surpreendi ao vê-lo entre os demais alunos. Logo pensei nos comentários sobre seu comportamento e suas dificuldades de relacionamento e de aprendizagem. Infelizmente os rótulos permanecem, todos aqueles que destoam do padrão normal, são discriminados até mesmo pelos profissionais da educação.

Um estigma, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam descrédito. (GOFFMAN, 1988, p.13).

Observei esses atributos na minha própria sala de aula o aluno onde na maioria das vezes o aluno tem demonstrado interesse em realizar as atividades propostas, mas apresenta dificuldades na linguagem escrita, na organização de suas ideias e na resolução de desafios matemáticos. Mostra-se desatento e inquieto, não consegue ficar muito tempo sentado. Nesse ponto fica difícil a convivência com o mesmo, pois fica caminhando pela sala e atrapalhando os colegas. Geralmente ao solicitar que ele sente e continue suas atividades ele obedece.

Aqui fica bem nítida a caracterização de Goffman (1988) do termo estigma, sendo usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Na verdade o aluno possui um estigma, uma característica diferente da qual havíamos previsto. Passamos a fazer vários tipos de discriminações, através das quais muitas vezes sem pensar, reduzimos as suas chances de vida normal.

Dentler e Erickson (1959) denominam de desviantes intragrupais, os indivíduos que se desviam das normas e de um grupo social específico. Deixam de praticar o jogo da distância social aproximando-se de outros. São percebidos como incapazes de progredir na sociedade em que estão inseridos,

agindo com rebeldia e desrespeito por seus superiores, faltando-lhes moralidade.

Acredito que ele seja um desviante intragrupal, ao se desviar das normas da escola, sentindo-se excluído e desacreditado. Passa a agir com rebeldia e desrespeito com qualquer superior que lhe chame a atenção. Dessa forma reduzem a distância social aproximando-se dos outros que agem da mesma forma que ele. Em contrapartida, ao interagir com outros parceiros parece buscar algo que o identifique, que o torne igual ao outro, praticando esse jogo de distância social.

Posso exemplificar aqui não só o gosto do aluno pelas tecnologias, mas suas preferências tendo sempre algo novo a contar/mostrar ou ainda perguntar como funciona, ou se eu conheço. Ele costuma trazer músicas no celular, fotos, vídeos, rádios com caixas de som e entrada USB e “engenhocas” feitas por ele. Trouxe um megafone conectado num celular, colocava músicas nos corredores da escola, no recreio e foi advertido pela coordenação, tendo seu equipamento recolhido.

Começou a interessar-se em auxiliar no laboratório de informática no contra turno justificando que queria ajudar e aprender mais sobre o uso do computador. Além disso, afirmou não conseguir ficar em casa por muito tempo sendo melhor ficar na escola do que na rua.

Iniciamos com um projeto piloto onde ele atuaria como monitor do laboratório, pra verificar como funcionaria, se daria certo e se ele iria gostar e levaria a sério sua nova função. De forma intencional, foram nesses momentos surgiu à oportunidade de desenvolver uma pesquisa no sentido de investigar sua história de vida familiar, sua trajetória escolar e ainda o seu interesse pelas tecnologias.

A perspectiva teórico metodológica da RedSig baseada em uma visão sócio histórica que pressupõe que o desenvolvimento ocorre a partir de interações que o indivíduo estabelece ao longo de sua vida com parceiros diversos em práticas sociais concretas. Nestas, os parceiros de interação constituem-se reciprocamente como sujeitos, no processo de negociar significados de eventos, coisas, pessoas, lugares, sentimentos (Oliveira, Guanaes e Costa, apud ROSSETTI-FERREIRA, AMORIN E VITÓRIA, 1997)

Trago as palavras de Rossetti-Ferreira, Amarin e Vitória (1997), citadas por Oliveira, Guanaes e Costa, para analisar a Rede de Significações constituída ao longo do processo de desenvolvimento do sujeito da pesquisa. Iniciei a pesquisa questionando se ele lembrava como foi o seu primeiro dia de aula, do qual ele afirmou não recordar nada, mas que reprovou no 2º ano por demorar muito a aprender a ler e escrever.

Nunca gostou de vir para a escola estudar e sempre teve problemas em se relacionar com professores e colegas. Não consegue se controlar e está sempre envolvido em confusões, onde leva a fama de “brigão”. Inclusive argumentei que algumas vezes já o vi levando bronca injustamente no lugar de outros. Ele disse que não é bem assim, que somente eu o via desse jeito. Que ele leva bronca por merecer, por não saber se controlar, que tem esse jeito explosivo, se mete na vida dos outros, fica invocado quando vê alguém maltratar os outros, ou até mesmo quando vê alguém fazendo algo que ele não gosta. Logo vai agredindo com palavras e com gestos cobrando explicações, querendo entender o porquê de tal comportamento e/ou atitude.

O sujeito da pesquisa tem consciência de ser “brigão”, reconhece ser explosivo nas suas interações dentro e fora do ambiente escolar. Porém, demonstra querer compreender a atitude dos parceiros, mas não a si próprio. De acordo com Vygotsky (1999a) e Wallon (1979) as formas culturais de organização do ambiente, o modo como as pessoas atuam em diversas situações, bem como o modo como interagem com os parceiros fornecem aos indivíduos que nele estão inseridos, conhecimentos, técnicas, instrumentos e ainda os motivos para suas ações. Ou seja, a consciência é cunhada na vida social, e é através da interação entre os indivíduos e seus parceiros na sua cultura que ambos são levados a se modificar.

De fato, o modo como as pessoas se comportam, como interagem e ainda, de acordo como os ambientes estão organizados na sua cultura, vão definir a consciência social do indivíduo. Não de forma determinista, pois a

relação sujeito-sociedade é interdependente e dialética, como afirma Marx (1989, p. 195-196).

Importa, acima de tudo, evitar que a “sociedade” se considere novamente como uma abstração em confronto com o indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. A manifestação da sua vida (mesmo quando não surge diretamente na forma de uma manifestação *comunitária*, realizada conjuntamente com os outros homens) constitui, pois, uma expressão e uma confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são *diferentes*, por muito que o modo de existência da vida individual seja um modo mais *específico* ou mais *geral* da vida genérica ou por mais que a vida genérica constitua uma vida individual mais *específica* ou mais *geral*.

Durante uma de nossas conversas ele relatou que odeia ser parecido com sua mãe. Que esse jeito agressivo, tipo “intrometido” que ele tem é uma característica marcante na personalidade dela. Pelo seu relato a sua relação com ela é bem conflituosa, ele parece não querer ficar em casa.

Ao argumentar que mãe sempre quer o nosso bem, mas que infelizmente não conseguimos ver dessa forma. Sempre achamos que é implicância que não somos bem quistos, que não somos vistos como uma pessoa gentil e educada. Mais uma vez fiquei surpresa com sua indignação ao me dizer:

“Sora eu vou te dizer uma coisa então! A senhora diz isso porque não conhece minha mãe! A senhora pode perguntar pra qualquer pessoa da vila, pra qualquer um dos meus colegas como que é minha mãe. Eu aposto que a senhor vai ficar admirada com o que vai ouvir! Ninguém Sora, mas ninguém mesmo gosta dela. Ela é uma pessoa que não tem amigos, se mete na vida de todo mundo, só arranja confusão, ela é uma tremenda barraqueira!”

Através de Rossetti-Ferreira, Amorin, Silva & Carvalho pode-se embasar a fala do sujeito quando este se posiciona em relação à mãe:

[...] Ao falar ou agir a partir de uma determinada posição, uma pessoa traz para a situação presente, para o momento da interação, sua história particular, que é a história de alguém envolvido em múltiplas

posições e engajado em diferentes formas de discurso.[...] (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIN, SILVA & CARVALHO. Orgs, 2004, p. 76).

Solicitei que ele tentasse entendê-la e de um modo geral as mães sempre querem o bem dos filhos. Disse que também tinha uma relação difícil com a minha mãe e que entendia sua maneira de agir com os filhos porque tinha sido educada dessa forma e não sabia fazer diferente. Você já pensou que está crescendo entrando na adolescência e que daqui a alguns anos estarás constituindo uma família? Como tu pretendes agir com teus filhos? Não vais repetir os mesmos erros, a mesma coisa que não gostas em ti estará fazendo com teus filhos? Ele disse que já pensou nisso e que dará a mesma educação que recebe do seu pai e do seu avô. Ou seja, usará o diálogo procurando ser amigo dos seus filhos pra que eles não fiquem na rua, não se metam em confusões. Acredita que dessa forma, poderá ser criada uma relação de confiança e entendimento. Também se mostrou preocupado com os lugares que frequenta não demonstrando querer ficar perambulando pelas ruas.

Nesse sentido reforçou sua preocupação quando conversamos sobre seu gosto pelas tecnologias. Afirmou que quando era criança teve um Playstation e que gostava de jogar com outros meninos, mas seu interesse pelas novas tecnologias partiu de um amigo mais velho que trabalha com consertos de equipamentos eletrônicos na vila onde mora, próximo à sua residência. Seus experimentos (corneta) que eventualmente traz para a escola são feitos por ele com o auxílio desse amigo. As ideias são suas, mas o rapaz o ensina, dando dicas de como fazer. Trago as palavras de Rossetti, Amorin e Silva para explicar como o meu aluno está imerso numa rede de significações:

[...] os percursos de cada pessoa só podem ser pensados indissociável a partir dos processos interativos estabelecidos pelas pessoas em contextos específicos. Considera-se, assim, como impossível tratar o desenvolvimento de uma só pessoa, pois o desenvolvimento é um processo concomitante de cada um e de todos os participantes envolvidos. (ROSSETTI, AMORIN E SILVA, 2008, p. 29).

Na verdade nesses momentos ele está imerso numa rede de significações, onde tem a possibilidade de expressar e dirigir suas aprendizagens na situação como um todo, podendo levá-lo a trajetórias diversas. Ou seja, são momentos em que ele se ocupa fazendo algo que gosta mantendo-se longe das ruas. Todos esses momentos fazem parte do seu processo de desenvolvimento, de acordo com o meio social (contexto) no qual ele está inserido, exercendo duas funções: no campo de condutas, onde ele assume uma posição, posiciona os outros e por estes é posicionado, e, no campo das condições, as quais servem de instrumentos para ele se modificar. Percebe-se a estrutura metodológica da Teoria do Posicionamento (HARRÉ E VAN LANGENHOVE, 1999) baseada na tríade: posição/força social da ação/linha de história.

Tanto na educação escolar como na informal as inovações tecnológicas estão presentes. Segundo Passerino (2005) somos “seres tecnológicos” e utilizamos nossas habilidades com a finalidade de encontrar novas formas, as quais podem levar a produção de novas tecnologias. Ou seja, estamos envolvidos nesse processo educacional, onde há a necessidade de uma parceria entre alunos e professores numa aprendizagem colaborativa, exercendo influência direta e indireta sobre sua cultura.

Ele entende por novas tecnologias aparelho novo de TV, de rádio e de celulares, bem como “outras coisas modernas”. Também destacou a “corneta” construída por ele, dizendo não ser uma tecnologia das “mais modernas”, que foi enjambrada e feita de forma improvisada, diferente de uma tecnologia padrão. Disse “curtir” mais quando faz dessa forma não convencional e pensa em construir outras coisas que possam ser úteis com materiais que tem ao seu alcance. Reconhece a necessidade de continuar os estudos e aprender a utilizar os recursos do computador para poder ingressar no mercado de trabalho com mais habilidades desenvolvidas. Porém não demonstra persistência, é bastante imaturo ainda, prefere experimentar tentando consertar celulares e outros equipamentos, com a finalidade de aprender como funciona. Algumas coisas ele aprendeu com seu amigo, e o que ainda não sabe pesquisa na internet através de vídeos explicativos no *youtube*.

Começa a ficar definido aqui o jogo de papéis de acordo com as situações vivenciadas por ele, pois demonstram ser um sujeito com marcas de suas experiências pessoais anteriores, além de ter perspectivas presentes e futuras. Rossetti, Amorin e Silva (2008) afirmam que cada pessoa na interação com os outros acaba fazendo recortes que podem ser diversos, sendo definida pela posição, perspectiva assumida ou atribuída à determinada pessoa, dentro de contextos específicos.

Dentre tecnologias que conhece prefere os telefones celulares que permitem tirar fotos, gravar e assistir vídeos, jogar vídeo games, ouvir música de rádio FM e em MP³. Infelizmente não tem recursos para adquirir um aparelho mais potente que tem as vantagens do *Bluetooth* que ajudam o usuário a transmitir e trocar informações, que não se limitam apenas a música, mas também fotos, sons e vídeos em frações de segundos. Também não tem computador, faz suas pesquisas de áudio e vídeo baixando as músicas de sua preferência em *lanhouses* localizadas no bairro onde mora.

Sabemos que a desvalorização das tecnologias na educação está relacionada com a imposição do uso de tecnologias na escola, gerando descompromissos com o processo de ensino e aprendizagem. Já Masseto (2001) nos diz que as tecnologias possuem um valor relativo, pois poderá ser considerada importante se for adequada para se alcançar os objetivos.

Ao interrogá-lo sobre como foi sua chegada no laboratório de informática afirmou ter sido muito bom, “bem legal”, pois ele podia ajudar crianças menores, e ajudando-as ele ajudava a si próprio também. A partir da sua vontade de aprender conseguiu modificar seu modo de ver determinadas coisas havendo um progresso na sua aprendizagem em sala de aula. Também destacou preferir trabalhar com os menores e constrangimento em auxiliar os maiores, pois sabem mais do que ele. Sua mudança de posicionamento pode ser explicada pela citação a seguir:

Nesse sentido, a Tecnologia Apropriada propõe produção de artefatos tecnológicos incorporando aspectos culturais, sociais e políticos da comunidade e propondo uma mudança no estilo de

desenvolvimento com preocupação com as questões ambientais e com as fontes alternativas de energia (DAGNINO, BRANDÃO e NOVAES, 2004).

Como foram poucas as intervenções dele no laboratório, vindo inicialmente uma vez por semana e com o passar do tempo vinha duas vezes, perguntei o que houve, se ele sentiu-se desmotivado ou estava trabalhando em outro local. Enfim, queria entender o porquê dele não estar mais vindo me auxiliar e aprender. Sua resposta foi deprimente: Quando ele conseguia vir, colocava o despertador do celular, mas como não o tem mais, ninguém o acorda. E como agora está morando com o avô devido à dificuldade de relacionamento com a mãe, precisa ajudá-lo nas tarefas domésticas e com os animais que possui.

Prossegui perguntando se ele gostava de estudar, de vir para a escola e como tem sido esse ano de 2012 na escola. Reconhece a necessidade de estudar para “ser alguém na vida”, mas não gosta muito. O que mais gosta na escola é a oportunidade de conhecer pessoas e aprender coisas diferentes. Quanto ao presente ano letivo, considera o mais legal e mais importante até o presente momento. Destacou o bom relacionamento com as professoras, disse gostar muito delas e dos colegas, porque o tratam com educação e respeito. Sempre que surge algum problema de relacionamento envolvendo-o, as mesmas tentam ajudá-lo, ouvindo-o, para depois tomarem uma atitude. Já com os amigos, prefere conversar com as meninas sob o pretexto de que elas o compreendem melhor.

Ao agirem, as pessoas dialogicamente transformam seus parceiros de interação e são por eles transformadas, assim como modificam as funções psicológicas que lhe dão suporte, remodelando seus propósitos e abrindo-lhes novas possibilidades de ação, interação e desenvolvimento (Oliveira, 1988, 1995; ROSSETTI-FERREIRA, 1993 apud ROSSETTI, AMORIN E SILVA).

Novamente trago aqui as palavras de Oliveira e Rossetti-Ferreira, citadas por Rossetti, Amorin e Silva (1993), na tentativa de compreender seu

posicionamento frente ao seu relacionamento com professores e colegas do presente ano letivo. No contexto escolar atual ele sente-se acolhido, praticamente é a primeira vez que ele consegue dialogar com seus parceiros, e, principalmente ser ouvido. Isso faz com que ele vá aos poucos se transformando, aprendendo a controlar sua impulsividade e ainda, abrindo-lhe novas possibilidades.

Finalmente, permiti que ele falasse o que gostaria que fosse feito na escola na área da informática, utilizando o computador e outras tecnologias. Relatou o seu interesse de aprender a utilizar de forma adequada principalmente o computador. Sugeriu que fosse feito na escola um cursinho semelhante aos profissionalizantes oferecidos em escolas de informática. Acredita que assim a escola poderá realmente ajudá-los a entrar no mercado de trabalho.

Aqui são marcantes as *brechas digitais* presentes em nossa sociedade mencionada por Waiselfisz (2007). As instituições de ensino são um exemplo disso, pois deveriam promover a democratização do acesso à informatização para que dominem técnicas básicas aliadas a uma cultura digital, capaz de promover mudanças significativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi o de analisar investigar a partir da história de vida de um indivíduo com dificuldades de aprendizagem e de disciplina o papel das TIC na reconstrução de seu posicionamento, frente ao processo de aprendizagem.

É sensato afirmar que a própria sociedade estabelece os meios de agrupar os indivíduos e o total de atributos comuns e naturais para os membros de cada categoria. Destacando-se os que são incoerentes com o estereótipo que criamos para um determinado tipo de indivíduo. A questão apresentada permite, nos limites deste trabalho, uma avaliação conclusiva a partir da reunião de algumas reflexões sobre o tema.

Revisando o contexto da história de vida do meu aluno, posso afirmar que ele é um indivíduo estigmatizado pela sociedade, pois apresenta características diferentes da qual havíamos previsto, tendo por base o “rótulo” de “brigão e indisciplinado”. Na verdade, passamos a fazer vários tipos de discriminações, através das quais muitas vezes sem pensar, reduzimos as chances de vida normal de determinados indivíduos.

Em contrapartida, de acordo com Dentler e Erickson (1959) os desviantes intragrupais e desviam das normas e de um grupo social específico, buscam o jogo da distância social para conseguirem se aproximar dos outros. São considerados incapazes de progredir na sociedade na qual estão inseridos, pois são rebeldes e desrespeitam seus superiores, faltando-lhes moralidade.

Pensando nisso, ele tem o perfil de um desviante intragrupal, pois ao não se enquadrar nas normas da escola a serem cumpridas pelos alunos,

sente-se excluído e incapaz. Uma vez desacreditado, se aproxima dos que agem da mesma forma reduzindo a distância social. Em contrapartida, ao interagir com outros parceiros tenta buscar algo (impulsividade e rebeldia) que o identifique, tornando-os semelhante.

Vivemos numa diversidade de domínios tecnológicos, e como professora do laboratório de informática, eu procuro proporcionar o acesso às TIC evitando que haja uma separação entre a escola e o mundo exterior, ou seja, permitindo o acesso às tecnologias aqueles que são desprovidos dessa possibilidade. Ao tratar-se de avanços tecnológicos não se pode perder de vista que todo discurso traz um gesto que denuncia uma prática democrática ou autoritária. Os meios de comunicação têm a capacidade de exercer forte influência sobre o modo de vida das pessoas ditando normas sociais e comportamentais. É importante salientar que ao mesmo tempo em que as tecnologias libertam o homem de inúmeros limites, elas não oferecem facilidades para se atingir metas sociais, reforçando a exclusão de muitos dos segmentos da sociedade que não conseguem aderir à modernização. Ao mesmo tempo em que os avanços tecnológicos colaboram para a democratização da cultura, causando grandes impactos.

Segundo Passerino (2005) somos “seres tecnológicos” e fazemos uso de nossas habilidades a fim de encontrar novas formas, as quais podem levar a produção de novas tecnologias. Como professora do laboratório de informática e de sala de aula, percebo que estamos todos envolvidos no processo educacional sendo necessário estabelecer uma parceria entre alunos e professores numa rede de significações que começa a ser construídas a partir da sua atração pelas novas tecnologias.

Interagimos através da linguagem oral ou escrita, através de ações que estabelecem novas aprendizagens e novos modos de comportamento, nos posicionando e sendo posicionados na sociedade pelos parceiros dessas interações. Ao criar novas tecnologias através de seus “experimentos” ele ao mesmo tempo em que se aproxima dos iguais, consegue visualizar uma chance de ser diferente, destacando-se por essa condição.

Sempre fora um indivíduo estigmatizado por apresentar características diferentes do padrão normal estabelecido pela sociedade, sofre discriminações através das quais suas chances de vida são reduzidas. Passa a ser sua característica central de situação de vida, vista como um “defeito” e conseqüentemente as pessoas que convivem com ele não conseguem considerar nem respeitar os seus atributos.

Percebo através de seu relato que ele aceita seu estigma (ao justificar seus desvios de conduta por ser igual à mãe). Por sua vez, ao questioná-lo que em alguns momentos percebo que ele leva broncas dos superiores sem motivos, ele aceita a sua condição de rebelde/brigão. Ao mesmo tempo, em sala de aula dedica um grande esforço em dominar tarefas que sempre teve um mau desempenho, em todas as disciplinas.

Apesar de utilizar sua relação com a mãe como desculpa para o fracasso, estabelece interações através de conversas informais ao estar nos chamados contatos mistos. A preocupação de Goffman (1988) é com os contatos mistos, onde estigmatizados e normais estão na mesma situação social, em conversas ou reuniões informais. Inclusive afirmou ser o primeiro ano que sente vontade de vir a escola por ser aceito como ele é pelos professores e colegas. Inconscientemente ele está encarando suas privações por ser diferente como um aprendizado. Afirma ter vontade de estudar, de aprender com seu amigo e ainda seu interesse em vir aprender a utilizar os recursos da informática para ensinar os que não sabem. Nos momentos em conversa com seus parceiros, enfrenta as causas e conseqüências do estigma, que lhe causa insegurança pela maneira como os normais o identificam e o recebem. Ao saber o que os outros pensam sobre ele passa a se sentir em destaque, seus atos e atitudes podem ser vistos como atributos notáveis e extraordinários.

Percebo que no meu relacionamento direto com ele, em todas as conversas formais e informais ao resgatar alguns momentos da sua trajetória de vida, mostrou-se na defensiva, respondendo com retraimento e sinceridade. Percebeu também a sensação de mal-estar, e a minha tentativa em vê-lo como

um indivíduo melhor do que realmente seja. Mesmo que ele pense pelo resto da vida que o mundo inteiro está contra ele, preocupa-se em não ficar mais na rua. Prefere manter-se ocupado ajudando os outros ou aprendendo coisas novas para que possa ajudar os que se encontram em posição igual ou inferior a sua.

Todo esse percurso de comentários traçado até então, busca reforçar a premissa de que as TIC na educação podem ocasionar mudanças de comportamento social e melhorar a aprendizagem. Oliveira e Rossetti (1993) afirmam que as pessoas ao agirem dialogicamente transformam seus parceiros de interação e por eles são transformadas, e modificam seus propósitos surgindo novas possibilidades de ação, ação e desenvolvimento.

Ao final do trabalho, destaco que o aluno apontou interesse em realizar um curso de informática básica numa escola de informática no centro da cidade. Devido ao difícil acesso, por residir em um bairro de periferia e dificuldades financeiras familiares sugeriu que a escola fizesse um “Projeto” para ensinar atividades básicas para adolescente como ele que demonstrassem interesse. Segundo ele, estariam preparados para competir no mercado de trabalho. Podemos então afirmar que ao proporcionar o acesso aos menos favorecidos a *Escola* estará contribuindo para reduzir essa “brecha digital” mencionada por Waiselfisz (2007), pois ao dominarem técnicas básicas numa cultura digital, promovendo mudanças significativas.

REFERÊNCIAS

FILHO, Irineu A. Tuim Viotto. **Educador numa escola em transformação.**

Disponível em:

<http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/58021_6713.PDF> Acesso em 16nov2012.

GOFFMANN, Erving. Estigma-Notas sobre a Manipulação Deteriorada. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos, Lisboa: Edições 70, 1989.

MINAYO. Ministério da Educação. Mídias na Educação: Metodologia da Pesquisa Científica Unidade II: Tipos de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83266/06.html>>. Acesso em: 15. Set. 2012.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PASSERINO, L. M.; MONTARDO S. P.. (2007) Inclusão social via acessibilidade digital: Proposta de inclusão digital para Pessoas com Necessidades Especiais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Tecnologias de Informação e de Comunicação”, do XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino Americana de Comunicação, na Universidade Católica de Pelotas, em Pelotas, RS, de 7 a 9 de maio. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30913>>. Acesso em: 07/out/2012.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. AMORIN, Cátia de Souza. SILVA, Ana Paula Soares da. CARVALHO, Ana Maria Almeida. Rede de significações e o desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WALSEIFELSZ, Júlio Jacobo. **Lápis, borracha e teclado: tecnologia da informação na Educação: Brasil e América Latina.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_actio n=&co_obra=103165>. Acesso em: 06/out/2012.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O (A) pesquisador (a) **Silvana Marisa Michels De Negri**, aluno (a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do (a) Professor(a) **Liliana Maria Passerino**, realizará a investigação **Como o uso de Novas Tecnologias pode mudar o posicionamento num aluno de 5º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos**, junto a **uma escola de periferia da rede municipal de Sapiranga com um aluno do 5º ano** no período de 15 de setembro a 31 de outubro. O objetivo desta pesquisa é **investigar a partir de história de vida de um indivíduo com dificuldades de aprendizagem e de disciplina o papel das tecnologias na construção de sua posição social**.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados (as) a tomar parte da realização de entrevistas, questionários e pesquisa de campo.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O (A) pesquisador (a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone **(51) 3582-9696** ou por e-mail - **silvananegri@gmail.com**

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de R.G. _____, concordo em participar esta pesquisa.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Porto Alegre, 08 de outubro de 2012.

APÊNDICE B – QUESTÕES NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

QUESTÕES NORTEADORAS

- 1 Conta-me um pouco sobre teu primeiro dia de aula, como foi?
- 2 Tu gostas da escola? Gostas de estudar? Tu sempre estudaste aqui nessa escola?
- 3 Sei que tu estás repetindo o 5º ano. Você já reprovou em outro ano? Por quê tu achas que foi reprovado?
- 4 O que tu pensas que são tecnologias? Cite alguns exemplos utilizados por ti diariamente. Quando tu percebeste que gostavas de tecnologias? Dentre elas do que mais gostas? Por quê?
- 5 Tens interesse em adquirir mais? Quais? Por quê?
- 6 Como foi a chegada aqui ao laboratório?

- 7 O que pensastes que irias fazer?

- 8 Do que aprendestes a fazer no laboratório já ensinastes alguma coisa aos colegas?

- 9 Algo mudou quando passastes a atuar como ajudante? O que foi? Por que não estás mais vindo?

- 10 Como tem sido esse ano na escola pra ti?

- 11 O que pensas hoje da escola?